



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)





EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrááo Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-695-9

DOI 10.22533/at.ed.959210601

1. Epistemologia. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 120

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A Coleção *Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas* se baseia na premissa da conjunção de saberes para a promoção de novas discussões no meio científico, a partir da convergência entre esses diferentes saberes. Movimento esse que surge como oposição à ideia de hiper-especialização.

Nesse caminho podemos estabelecer ao menos quatro formas nas quais acontecem essas interações: multidisciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

A diferenciação entre elas se define de acordo com critérios que vão desde o intercâmbio de teorias e metodologias até a construção de uma nova forma de ver um determinado objeto.

Desse modo, é possível definir da seguinte maneira:

- Multidisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que atuam cada qual em proveito próprio, na qual não ocorre interação direta entre as mesmas.

- Pluridisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que ajudam complementarmente, mas sem alterar teórico ou metodologicamente uma a outra.

- Interdisciplinaridade – Sistema de dois níveis, no qual duas ou mais disciplinas interagem fortalecendo aquela considerada como estando em um nível superior, ou então colaborando para a construção de um novo saber.

- Transdisciplinaridade – A construção de um sistema total onde duas ou variadas disciplinas contribuem para uma determinada pesquisa sem que um saber seja necessariamente validado pelo outro.

Diante dessa perspectiva inter e transdisciplinar esse volume conta com 21 capítulos abordando diversos assuntos como: as configurações de gênero, as configurações raciais, os processos de formação docente, de identidade, relações entre comunicação e antropologia, questões de desenvolvimento urbano, preservação de patrimônio cultural e aspectos da aprendizagem pela tecnologia.

Espero que algumas dessas convergências se mostrem como possibilidades discursivas para novos trabalhos e novos olhares sobre os objetos humanos.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DA ÓPERA-ROCK “PAJUBÁ” DE LINN DA QUEBRADA

Paulo Henrique de Oliveira Barroso

DOI 10.22533/at.ed.9592106011

CAPÍTULO 2..... 19

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO BIOGRÁFICO E DA PESQUISA DOCUMENTAL COMO FORMAS DE PESQUISA DO GÊNERO FEMININO

Karina Regalio Campagnoli

DOI 10.22533/at.ed.9592106012

CAPÍTULO 3..... 30

MARIA PAES DE BARROS: MEMÓRIAS DE OMISSÃO EM TEMPOS DE LUTA PELA EMANCIPAÇÃO

Eveline Viterbo Gomes

DOI 10.22533/at.ed.9592106013

CAPÍTULO 4..... 40

FEMINIZAÇÃO E FEMINILIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR VOLTADO PARA A LITERATURA

Danielly Jardim Milano

Kátia dos Santos Pereira

Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha

Raquel Peres Macêdo

DOI 10.22533/at.ed.9592106014

CAPÍTULO 5..... 50

FEMINILIDADES NEGRAS: UM ESTUDO DE RELAÇÕES ESPACIAIS PARADOXAIS

Louise da Silveira

Benhur Pinós a Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106015

CAPÍTULO 6..... 70

MITOS PÓS-MODERNOS NOS DISCURSOS SOBRE RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL: O CASO DO JONGO CIGANO

Rafael Romano

DOI 10.22533/at.ed.9592106016

CAPÍTULO 7..... 83

CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO: AUTOACEITAÇÃO E REFLEXÕES SOBRE RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE UMA ESTAGIÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Thays Souza da Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106017

CAPÍTULO 8.....	93
ESCRITA DE SI E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIA COM ATELIÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO	
<p>Maria Márcia Melo de Castro Martins Maria Leani Dantas Freitas Nívea da Silva Pereira Francione Charapa Alves</p>	
DOI 10.22533/at.ed.9592106018	
CAPÍTULO 9.....	103
UM APANHADO SOBRE A PRESENÇA DA INTERDISCIPLINARIDADE EM DOCUMENTOS OFICIAIS A PARTIR DA LDBEB 9394/96 até 2016	
<p>Neslei Noguez Nogueira Denise Nascimento Silveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.9592106019	
CAPÍTULO 10.....	113
APONTAMENTOS SOBRE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS À DOCÊNCIA	
<p>Antonia Zulmira da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060110	
CAPÍTULO 11.....	125
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE INTELIGÊNCIA EM ESCOLARES DE MATO GROSSO	
<p>Ana Julia Candida Ferreira Cleiton Marino Santana Widson Marçal Ferreira Adriano Mendonça de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060111	
CAPÍTULO 12.....	133
A PRIMEIRA YESHIVÁ DO BRASIL – UM OLHAR SOBRE AS MEMÓRIAS E SABERES DOS MESTRES DE UMA HISTÓRIA	
<p>Vanessa dos Santos Novais</p>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060112	
CAPÍTULO 13.....	144
ZAQUEU (Lc. 19, 1-10) UM EXEMPLO A SER SEGUIDO PELOS CORRUPOTOS ARREPENDIDOS	
<p>José Carlos Dalmas Vicente Artuso</p>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060113	
CAPÍTULO 14.....	155
O QUE LATOUR TERIA A CONTRIBUIR PARA OS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO?	
<p>Tarcísio de Sá Cardoso</p>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060114	

CAPÍTULO 15.....	173
APROXIMAÇÕES ENTRE PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS E DOS ESTUDOS CULTURAIS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.95921060115	
CAPÍTULO 16.....	186
O DISCURSO PUBLICITÁRIO COMO OBJETO DE ANÁLISE NO CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DA LEI ORGÂNICA DA SAÚDE	
Náthaly Zanoni Luza	
Eliane Cadoná	
DOI 10.22533/at.ed.95921060116	
CAPÍTULO 17.....	196
OS OBJETIVOS ESSENCIAIS DA SAÚDE PÚBLICA E O RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL DE MEDICAMENTOS	
Maria Paula da Rosa Ferreira	
Isabel Christine Silva de Gregori	
DOI 10.22533/at.ed.95921060117	
CAPÍTULO 18.....	209
NÍGER: LOS DESAFÍOS DEL PAÍS CON EL MÁS BAJO IDH DEL MUNDO	
Rafael Aguirre Unceta	
DOI 10.22533/at.ed.95921060118	
CAPÍTULO 19.....	225
AGENDA PARA EL DESARROLLO MUNICIPAL: UN INSTRUMENTO DE EVALUACIÓN PARA LOS GOBIERNOS MUNICIPALES EN MÉXICO	
María Del Rosario Hernández Fonseca	
Hugo Isaías Molina Montalvo	
Rosa María Rodríguez Limón	
DOI 10.22533/at.ed.95921060119	
CAPÍTULO 20.....	231
INSTRUMENTOS LEGAIS DE PRESERVAÇÃO E EXPANSÃO IMOBILIÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO URBANO NO LITORAL NORTE DE MACEIÓ, ALAGOAS, BRASIL	
Adriana Guimarães Duarte	
Josemary Omena Passos Ferrare	
DOI 10.22533/at.ed.95921060120	
CAPÍTULO 21.....	247
VALIDAÇÃO AMOSTRAL DE UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA ANALISAR OS NÍVEIS DE HABILIDADES RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DE CONCEITOS ABSTRATOS DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO	
Fernanda Regebe	
Amanda Amantes	
DOI 10.22533/at.ed.95921060121	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	257
ÍNDICE REMISSIVO.....	258

CAPÍTULO 14

O QUE LATOUR TERIA A CONTRIBUIR PARA OS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO?

Data de aceite: 04/01/2021

Tarcísio de Sá Cardoso

Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP).

Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.

RESUMO: Este texto se propõe articular algumas questões de epistemologia da comunicação com alguns traços da epistemologia proposta por Bruno Latour. Para isto, em um primeiro momento, serão elencadas algumas dentre as várias questões que têm surgido nos debates da literatura especializada do campo da comunicação. Delas, serão destacadas as questões epistemológicas de fundo, no intuito de perceber o tipo de questão que se faz presente nesta seara. Posteriormente, serão apresentadas algumas das aqui tomadas como as principais contribuições da obra de Latour para a epistemologia em geral. Será importante marcar, neste ponto um traço recorrente nas ideias latourianas: a crítica à filosofia e à ciência moderna. A partir de então, pretende-se resgatar as questões apontadas por trabalhos teóricos da comunicação de modo a identificar se, e em que medida, o pensamento de Latour poderia contribuir para a epistemologia da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE:

comunicação, Latour.

Epistemologia,

WHAT LATOUR WOULD HAVE TO CONTRIBUTE TO STUDIES IN COMMUNICATION

ABSTRACT: This text proposes to articulate some issues of epistemology of the communication with some traces of the epistemology proposed by Bruno Latour. To this end, we start with some of the issues that have emerged in the literature debates in communication. From them, the epistemological questions of the background will be highlighted, in order to perceive the type of question that is present in this field. Subsequently, some of those that, in our opinion, are the main contributions of the work of Latour to epistemology will be presented. It will be important to mark, at this point, a recurring feature in Latour's ideas: the criticism of modern philosophy and modern science. From then on, it is intended to rescue the questions pointed out by theoretical researches of communication in order to identify if and to what extent Latour's thought could contribute to the epistemology of communication.

KEYWORDS: Epistemology, communication, Latour.

1 | INTRODUÇÃO

Este texto se propõe articular algumas questões de epistemologia da comunicação com alguns traços da epistemologia proposta por Bruno Latour. Para isto, em um primeiro momento, serão elencadas algumas dentre as várias questões que têm surgido nos debates da literatura especializada do campo da comunicação. Delas, serão destacadas as questões epistemológicas de fundo, no intuito de perceber o tipo de questão que se faz presente nesta seara. Posteriormente, serão apresentadas algumas das que, a nosso ver, são as principais contribuições da obra de Latour para a epistemologia em geral. Será importante marcar, neste ponto um traço recorrente nas ideias latourianas: a crítica à filosofia e à ciência moderna. A partir de então, pretende-se resgatar as questões apontadas por trabalhos teóricos da comunicação de modo a identificar se, e em que medida, o pensamento de Latour poderia contribuir para a epistemologia da comunicação.

A presente reflexão começa inspirada pelas tão interessantes ideias suscitadas pelo trabalho de Potiguara Silveira Jr. e Aristides Alonso (SILVEIRA JR; ALONSO, 2018), apresentado no ano passado, durante o XXVII Encontro Anual da Compós. Naquele trabalho, os autores nos instigam a pensar a comunicação partir da perspectiva da transformática ou teoria psicanalítica da comunicação. Tal perspectiva destaca o haver da comunicação a partir do haver das formações (e transformações das formações), cujo caráter situacional é sua condição valorativa inerente, isto é, não pode haver na comunicação um fundamento valorativo universal.

É dessa afirmação básica, concreta – *há formações* –, que parte a transformática em sua operação de pesquisa, coleta, acompanhamento e arquivamento das transações, transformações e co-moções das formações (MAGNO [1996], p. 395). Isto, sem valoração prévia, sem fundamento bom ou mau inerente: é nas situações que tal ou qual formação se mostra mais ou menos adequada, e apenas pontualmente adequada às situações. Mudada a situação, mudam as formações e as adequações. (SILVEIRA JR; ALONSO, 2018, p. 11)

O argumento dos autores caminha para os efeitos desse haver da comunicação destacando a noção de vinculação como responsável por instaurar não apenas o caráter transformador da comunicação, mas também uma indistinção do dentro-fora nos agentes comunicantes.

Isto a ponto de, em muitos casos, a própria distinção dentro / fora se apagar: uma vez a passagem feita, ambos os polos [emissão e recepção, e vice-versa, recepção e emissão] se transformam. O que passa só é enviado / recebido porque, em algum lugar, um polo concerne ao / está concernido pelo outro. O Haver é vincular, com suas formações sendo excitadas e incitadas o tempo todo. (SILVEIRA JR; ALONSO, 2018, p. 11)

Tal proposta vinculativa, instauradora de uma indistinção do dentro-fora, qualifica o universo da comunicação como o universo da transformação nos agentes que dela

participam. É como se os autores perguntassem “o que é o ‘haver’ da comunicação?”. Este tipo de questão epistemológica parece operar com um tipo de questão geral de fundo, a saber: qual a qualidade da comunicação?¹

Este tipo de questão epistemológica de fundo tem permeado o campo dos estudos em comunicação desde as suas primeiras formulações teóricas, sendo seus contornos tão ricos que tornariam supérfluas quaisquer tentativas de esgotar a questão. Parece extremamente justo afirmar, entretanto, que as pesquisas em teorias da comunicação, e o Brasil tem tido um papel relevante neste âmbito, têm contribuído enormemente para o avanço da compreensão do problema, na comunicação, sobre a qualidade. José Luiz Braga (2006, 2011), por exemplo, ao refletir como o campo da comunicação é emblemático para compreendermos aquilo que vem sendo chamado de midiatização da sociedade, defende a tese da incompletude dessa própria midiatização, enquanto processo comunicacional. Ao refletir sobre os aspectos desse processo ainda em vias de se estabelecer como condição social, Braga tece uma linha argumentativa parte da noção de comunicação como interação social e caminha para uma reflexão sobre a dinâmica do social agenciada pela midiatização. Diz o autor:

Nessa perspectiva, a mediatização não oferece apenas possibilidades pontuais de fazer coisas específicas que não eram feitas antes [...]. O que parece relevante, em perspectiva macro-social, é a teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam (BRAGA, 2006, p. 11–12)

Neste sentido, o autor trabalha uma questão sobre esse agenciador do social própria da midiatização, que talvez pudesse ser apresentada da seguinte forma: como compreender o social pela midiatização? Ou como a comunicação (enquanto interação) fornece subsídios para uma construção social da realidade? Parece correto afirmar que esse tipo de questão trabalha com dois tipos de problemática epistemológica: por um lado, reflete sobre o modo (tão caro à comunicação) como o par mídia/sociedade se constitui dialeticamente; por outro, sugere uma questão de fundo (tão cara às teorias sociais e filosóficas) sobre a relação entre construção e realidade social.

Como se vê, a complexidade das indagações epistemológicas no âmbito dos estudos da comunicação é notável. Soma-se a ela outra complexidade, própria do objeto com o qual o campo da comunicação está tão acostumado: a noção de mídia. Ainda que o campo de pesquisa tenha debatido tão largamente este tema, as controvérsias em torno do próprio conceito de meio de comunicação ressurgem com contornos ligeiramente novos em cada contexto social. Para tomar um caso recente, Nick Couldry e Joseph Turow (2018)

1. Vale ressaltar que trazer à luz a qualidade da comunicação não significa, de modo algum, essencializar a comunicação. A proposta dos autores vai, claramente, na contramão de uma abordagem essencialista da comunicação. No entanto, parece ser lícito afirmar que, na proposta dos autores, transformação, vinculação e instauração de uma indistinção são atributos ou qualidades que entram em jogo no “haver” da comunicação.

ampliam o conceito de mídia a tal ponto que este passa a incluir a mediação algorítmica na extração de dados por sistemas digitais de vigilância.

Os empreendimentos sempre crescentes de empresas capitalistas, apoiados por governos, tentam lucrar gerando informações sobre a vida cotidiana. O resultado é um sistema dinâmico e interativo no qual a coleta de dados por meio do monitoramento automatizado contínuo se constitui num meio essencial para organizar – na verdade, governar – as ações das pessoas por valor econômico por meio de agregação estatística, criação de perfil e análise preditiva. Muitas dessas informações são coletadas, analisadas e postas em prática por meio de dispositivos que podem distribuir narrativas. Mas, para os propósitos do capitalismo, o que importa não é o elo com a transmissão de narrativa, mas a transformação subjacente da internet em um espaço de extração contínua de dados através da vigilância. Ou, como disse Bruce Schneier: “o principal modelo de negócios da internet é a vigilância em massa” (TUROW; COULDRY, 2018, p. 419)

A noção de mídia, quando relacionada à extração de dados, vai muito além das narrativas da mídia de massa, incluem também as narrativas sobre cada um dos indivíduos e grupos sociais monitorados. Na visão dos autores, este tipo de ação narrativa não tem sido explorado pela pesquisa em comunicação.

Neste mundo, a compreensão do conteúdo midiático não pode se limitar a narrativas que o campo das comunicações tem tradicionalmente estudado: ou seja, as notícias, entretenimento, publicidade e outros gêneros narrativos. Também deve incluir a ampla gama de dados que são críticos para um tipo diferente de narrativa: o perfil discriminatório de indivíduos e grupos que as empresas realizam. Muitas vezes sem relação com a produção de contos para o público, a mídia envolvida nessas novas atividades narrativas dificilmente tem sido estudada pelos pesquisadores em comunicação (TUROW; COULDRY, 2018, p. 419)

Em uma linha argumentativa similar, Sergio Amadeu Silveira (2017) reflete sobre a governamentalidade dos algoritmos. Para ele, os algoritmos de *machinelearning* são “dispositivos performativos” (SILVEIRA, 2017, p. 275) na medida em que constituem um sistema de tradução capaz de aprender com as ações do ator humano e, desse modo, agenciar informações, temas e conteúdos a partir das preferências que definem seu perfil de uso.

Podemos perceber que tanto em Silveira quanto em Couldry e Turow, duas perguntas norteiam seus trabalhos. Por um lado, quando se toma a noção de mídia em relação à dinâmica do *big data*, a questão epistemológica de fundo é algo como “o conceito de mídia tem relação com o contexto da extração de dados?” ou, de modo ainda mais geral, “o que é mídia?”. Por outro lado, quando se trata de investigar a dimensão biopolítica dos sistemas digitais e sua capacidade de, como diria Foucault, conduzir condutas, a questão de fundo seria mais “como as performatividades midiáticas (ex: processamentos da mídia algoritmo articulados com processos mais tradicionais mídias de massa) tencionam a teia de agenciamentos políticos de uma sociedade em processo de midiaticização?”

Diante de tal cenário, a filosofia e as ciências sociais têm fornecido um aparato conceitual que permite à comunicação não apenas deles fazer uso, mas também a partir deles propor transformações e adaptações para lidar com questões próprias a si. Ressalta-se, uma vez mais, as contribuições de José Luiz Braga, que em trabalho recente (BRAGA, 2018) propõe revisitar, fazer uso heurístico e fazer derivações da noção foucaultiana de dispositivo. Ao destacar a ênfase do “dispositivo pronto” para os “arranjos disposicionais” (BRAGA, 2018, p. 18–19), o autor sinaliza para uma processualidade capaz de revelar o que age no arranjo, na composição de elementos heterogêneos. Ao propor tal mudança de perspectiva, Braga parece trabalhar com uma questão de fundo, que interessa, novamente, evidenciar: dado que a midiaticização da sociedade ainda não está “pronta”, como se caracteriza tal arranjo disposicional? Como descrever, a partir da comunicação, a construção do social?

Estabelecidas estas questões iniciais, faremos uma breve passagem, a seguir pelo que, imagina-se ser a contribuição de Bruno Latour para a epistemologia em geral, de modo que, posteriormente, seja possível fazer um cruzamento para as contribuições de tais ideias para o campo da comunicação.

2 | A PROPOSTA TEÓRICA DE BRUNO LATOUR

A entrada de ideias latourianas no campo da comunicação não é uma novidade. Três exemplos de livros que marcaram o início do uso de Latour, mais especificamente da teoria ator-rede, nos estudos da comunicação foram as publicações, em 2010, do artigo de André Lemos (LEMOS, 2015), que se utiliza da teoria ator-rede e das ideias de Latour para um estudo empírico, do livro² de Lucia Santaella e Renata Lemos (2010), que também desenvolve um capítulo inteiro dedicado ao autor, e em 2013, do livro³ de André Lemos (2013a), livro inteiro baseado no pensamento latouriano.

A inserção de Latour na comunicação também não é desprovida de controvérsias (nem poderia ser, tratando-se de um autor tão controverso). Uma crítica comum que se faz à inserção de ideias latourianas na comunicação (e nas ciências sociais em geral) diz respeito a uma suposta marca tecnocêntrica do seu pensamento, uma vez que tais estudos são conhecidos por incluírem no âmbito das agências não apenas as mediações sociotécnicas como, sobretudo, atores não-humanos. Ainda que tal crítica mostrasse sérias limitações no âmbito dos estudos em comunicação (posição a ser contestada pelo presente trabalho), ainda que qualquer inspiração latouriana confinasse o posicionamento epistemológico a uma abordagem tecnocentrada, não parece muito saudável, de todo modo, rechaçá-la como inapropriada para tratar de questões próprias à comunicação. No terreno da epistemologia, um posicionamento adotado talvez possa ser contestado tendo

2. SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

3. LEMOS, André. A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

como perspectiva um posicionamento diverso, mas ambos podem compor o campo plural de propostas sobre um objeto comum.

O presente trabalho se propõe, a seguir, a apresentar alguns apontamentos sobre as contribuições epistemológicas da obra de Bruno Latour, que, sob a perspectiva aqui adotada, talvez pudesse render bons proveitos para o campo da comunicação. Ao final, contestamos a leitura tecnocêntrica do pensamento latouriano, e discordamos do lugar de destaque ocupado no imaginário da literatura especializada em comunicação. Senão, vejamos.

Um dos traços mais característicos do pensamento de Bruno Latour é sua crítica ao “moderno”, isto é, um determinado tipo de posição ontológico-epistemológica comum a uma cultura que, como todo coletivo, transforma e se adapta ao longo do tempo, mas que também guarda características que lhe permitem ser identificado. É preciso entender, antes de tudo, o que Latour quer dizer com moderno, mas isto não é tão simples, uma vez que grande parte da obra de Latour versa justamente sobre esse conceito.

Em *Jamais fomos modernos* (LATOURE, 1994a), Latour caracteriza Moderno como aquele que ao adotar uma posição epistemológica específica (dada por uma bifurcação purificadora), acaba por gerar uma incongruência: é moderno, para o autor, quem elabora uma teoria pautada no dualismo que quer purificar (separar de um lado a “Natureza”, e de outro o “Social”), mas ao mesmo tempo cria as condições práticas para os híbridos⁴ se proliferarem. O projeto moderno oficial cria uma cisão purificadora, como se a esfera das humanidades pudesse ser purificada da esfera da natureza. No entanto, o Latour de *Jamais fomos modernos* também da teoria ator-rede propõe um movimento “reagregador”, a criar pontes entre os mundos que a filosofia e a ciência moderna separaram.

A hipótese deste ensaio [...] é que a palavra “moderno” designa dois conjuntos de práticas totalmente diferentes que, para permanecerem eficazes, devem permanecer distintas, mas que recentemente deixaram de sê-lo. O primeiro conjunto de práticas cria, por “tradução”, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não humanos, de outro. [...] Enquanto considerarmos separadamente estas duas práticas, seremos realmente modernos, ou seja, estaremos aderindo sinceramente ao projeto da purificação crítica, ainda que este se desenvolva somente através da proliferação de híbridos. (LATOURE, 1994a)

Vale notar, na citação acima, que para definir uma reflexão sobre a categoria do moderno, Latour nota dois tipos de prática: a purificação e a tradução. Moderno seria, então, aquele que mantém essas duas práticas separadas. A ênfase latouriana no que chamou de tradução ganha corpo se considerarmos o que resultou do mundo que o homem moderno criou. Quando consideramos os “progressos” da indústria e o desenvolvimento

4. Híbrido é um conceito latouriano que se contrapõe aos dualismos. É híbrido todo aquele que não se encaixa em nenhuma das categorias fixadas.

das sociedades modernas, se adotamos a perspectiva moderna (criticada por Latour), veremos que a própria associação semântica entre a ideia positiva de progresso e a de homem, sujeito, racionalidade, democracia liberal e tantas outras ideias que o iluminismo legou para a cultura ocidental, é o que serve de fundamento para justificar uma política de dominação (sobre o outro, sobre os primitivos, sobre a natureza).

Antes de Latour, muitos autores já tinham feito diversas críticas às conseqüências do iluminismo. Vale lembrar, por exemplo, a crítica ao positivismo, à democracia liberal e à racionalidade técnica que foi feita pela primeira geração de frankfurtianos da teoria crítica. No entanto, o que distingue a crítica latouriana é o fato de ela, ao cruzar elementos do social e da natureza, poder lidar com o tema da ecologia, de modo a articular em um mesmo estudo, por exemplo, as questões ambientais com que cada vez mais nos deparamos. Se o progresso do moderno fosse medido pelo sucesso técnico e econômico dos setores industriais que, ao dominar a natureza (vista como matéria prima, como estando à disposição do humano) “fazem avançar a sociedade”, nunca seríamos capazes de lidar com questões ambientais. E, de fato, a sociedade moderna não se acostumou a pensar a ecologia, uma vez que só pensávamos a economia (liberal). Todavia, na prática, sintomas notáveis na natureza, nos rios, alterações climáticas, típicas do antropoceno, não apenas sinalizam que o “progresso” do moderno tem conseqüências para o habitat do humano, para além das conseqüências sociais, visto que agem também no mundo natural, como também colocam em questão as conseqüências pragmáticas de pensarmos o mundo (social e natural) a partir de uma episteme dualista purificadora. Os “primitivos” talvez soubessem mais que os modernos que Gaia responde às ações do humano.

Como então criar uma epistemologia não-moderna? Como incluir o ecologizar, que Latour mais recentemente toma como um oposto de modernizar na dimensão epistêmica? Em *Investigações sobre os modos de existência* (2013)⁵, Latour condensa alguns dos principais temas de sua trajetória acadêmica, de modo a sistematizar seu pensamento para “preparar os ocidentais para seu futuro” (LATOURE, 2013, p. 16). Do ponto de vista teórico, podemos dizer que o livro trata justamente de um rearranjo tanto da epistemologia – que, na sua visão, não mais pode ser assentada sobre sua forma moderna bifurcada no par Sujeito-Objeto – quanto da ontologia – que não pode mais ser entendida como o estudo do Ser, mas antes como o estudo dos modos de constituição dos seres.

Partindo da ideia de que diferentes modos de existência significam diferentes jogos de linguagem, a proposta latouriana nesta fase da sua obra pode ser caracterizada como um movimento da linguagem ao(s) ser(es), já que não se privilegia o modo da linguagem, mas o dos seres. Ainda no âmbito da crítica à cisão moderna, Latour propõe que, ao invés de adotarmos a episteme que toma as representações como plurais (pluralismo da linguagem) e a realidade como singular (monismo do mundo), devemos caminhar para uma proposta

5. LATOUR, Bruno. *An Inquiry into Modes of Existence: An Anthropology of the Moderns*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2013

que assuma uma ontologia pluralista, isto é, que aumente a “diversidade nos seres admitidos para existir” (LATOURE, 2013, p. 21). Acompanhar o vacilo do moderno entre economia e ecologia significa transformar a questão da modernidade em uma questão de projeto, isto é, em uma busca por resolver os dilemas que a humanidade, na sua adolescência científica criou para si. Latour se pergunta “poderíamos colocar os Modernos em um habitat que fosse, senão estável, ao menos sustentável e razoável?” (LATOURE, 2013, p. 23)

Para completar o cenário moderno, convém lembrar um diagrama antigo (LATOURE, 1994a) criado por Latour para expressar a inclusão de uma segunda dimensão no quadro da modernidade, capaz não apenas de situar a polaridade moderna oficial (isto é, a purificação que separa natureza e sociedade), mas também de entender como outro eixo (modernidade oficiosa) é formado para compor um quadro dialogicamente completo entre moderno e não-moderno. A dimensão criada corresponde ao eixo da “não-modernidade”, responsável por incluir uma tensão de mediação ou tradução (a dimensão dos não-modernos), responsável pela multiplicação dos quase-objetos (ou híbridos). É com a inclusão desta que Latour pretende dar conta das misturas, pois como diz o próprio autor, “ao desdobrar as duas dimensões simultaneamente, talvez possamos acolher os híbridos e encontrar um lugar para eles” (LATOURE, 1994a, p. 55).

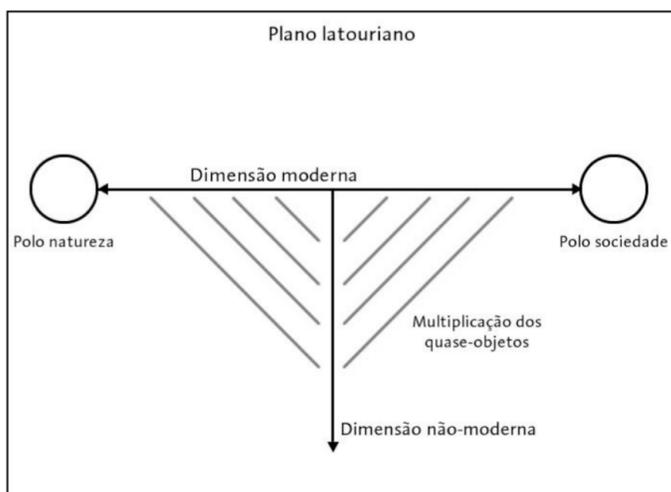


Figura 1: Plano latouriano da complementaridade entre a polarização moderna (natureza/cultura) e a dimensão não moderna (em que crescem os híbridos)

Analisando o quadro e o diagrama proposto por Latour, fica um pouco mais claro que seu interesse não consiste em desmontar a polarização moderna, mas, ao contrário, complementá-la. Ao encarar o moderno a partir do ponto de vista não-moderno, Latour não quer refutá-lo, mas estendê-lo, ampliando seu alcance em um quadro mais complexo,

responsável por explorar áreas as quais o esquema anterior parece não conseguir dar conta. Parece-nos que o método de Bachelard(2008) é emblemático para Latour, e responsável por inspirar tal noção de complementaridade. Ao criar uma epistemologia não cartesiana, inspirada na geometria não euclidiana, na física não newtoniana etc., Bachelard queria dar a ideia de que toda teoria do tipo “não-x” não visa contradizer, mas complementar a teoria anterior, evidenciando seus limites, de modo a formar um quadro mais totalizante.

[...] não há nada de automático nestas negações e não deverá esperar-se encontrar uma espécie de conversão simples que possa fazer com que as novas doutrinas entrem logicamente no quadro das antigas. Trata-se de fato de uma verdadeira extensão. A geometria não-euclidiana não se faz para contradizer a geometria euclidiana. É antes uma espécie de fator adjunto que permite a totalização, o acabamento do pensamento geométrico, a absorção numa pangeometria (BACHELARD, 2008, p. 13)

Não é difícil concluir, diante dessa proposta tão inspiradora, que o pensamento não moderno de Latour tem como fim maior um esquema mais completo, uma espécie de “panmodernismo”. Latour diversas vezes, parece sugerir seu intento de complementação do esquema moderno, como por exemplo, quando fala na ideia de acréscimo para justificar a inclusão da mediação no esquema moderno. “À prática de purificação – linha horizontal –, convém acrescentar as práticas de mediação – linha vertical” (LATOURE, 1994, p. 43).

Se as práticas de mediação complementam o diagrama moderno, deve ser porque são recursos que acrescentam algo ao esquema anterior. O que está sendo acrescentado? Como veremos a seguir, enquanto a prática da purificação se interessa pelas essências, a prática da mediação se interessa pelas existências (LATOURE, 1994, p. 85-86). Desse modo, os modernos, interessados que estavam em partir das classes puras para estudar os híbridos, só conseguiam achar ali intermediários com poder de agência limitado. A dimensão não-moderna de Latour, no entanto, é ir das misturas (híbridos) às classes puras, estudar as emergências. Assim, a inclusão da mediação complementa o quadro moderno porque inclui a seta, orientada pelos mediadores, que vão do meio para os extremos, e não apenas, como era no caso do encontro com intermediários, dos extremos para o meio.

Para Latour, a não inclusão da dimensão da mediação foi o que impediu os modernos de refletir sobre sua própria Constituição, apesar de suas manobras argumentativas e de suas acrobacias críticas no duplo jogo imanência-transcendência. “Mas o preço a pagar por esta liberdade foi que os modernos permaneceram incapazes de pensar a si mesmos. Todo o trabalho de mediação escapa do quadro constitucional que o traça e o nega” (LATOURE, 1994, p. 45).

Diante de tal ampliação das análises do moderno, e do nosso foco na ideia de mediação será interessante continuar esse procedimento diagramático, que, a partir da proposta de Latour, podem chegar a representações ainda mais gerais sobre o mecanismo de complementação. No procedimento latouriano para complexificar o esquema moderno,

podemos perceber que a mediação é fruto de uma atividade de fundo, abafada pelo projeto moderno oficial, mas presente e viva na modernidade oficioso.

O diagrama abaixo tenta expressar o mecanismo usado por Latour na construção de seu diagrama. Assim, o eixo das entidades A e B, polarizadas linearmente, que na concepção moderna pretende segregar, por exemplo, “natureza” e “cultura”, pode compor agora um quadro geral com outro eixo, responsável pela dimensão da mediação, de modo a dar estatuto ontológico para entidades impossíveis de serem pensadas no diagrama linear de A e B. O diagrama a seguir mostra como a ideia de mediação torna presente no esquema latouriano, as entidades de um tipo novo (entidades tipo “C”). Neste caso, a noção de mediação acaba criando um plano (bidimensional) a partir do cruzamento de duas linhas (unidimensionais).

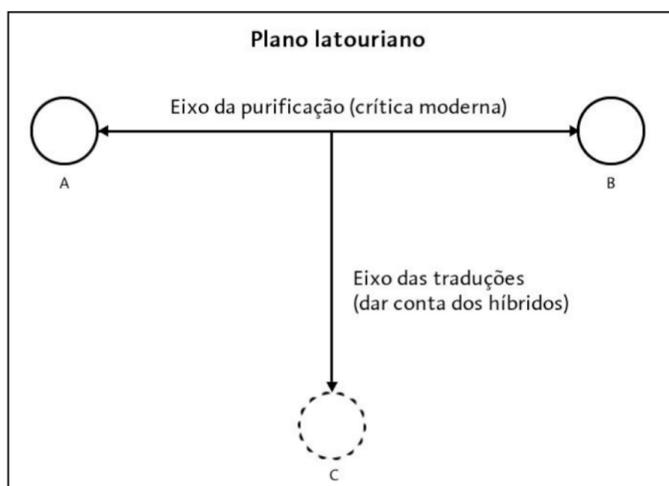


Figura 3: Plano latouriano do cruzamento entre duas linhas. Cada tensão mediativa entre o eixo das purificações (moderno oficial) e o das traduções (não moderno ou moderno oficioso) cria um mapeamento dos híbridos (quase-objetos) a serem posicionados em um quadro de relações entre três polos (os dois polos anteriores A e B, e um polo adicional “C”, que permite medir as misturas).

A ênfase no “império do centro” vem de uma tentativa latouriana de conferir uma prevalência epistemológica da existência em relação à essência, o que combina com o caráter pragmatista jamesiano e com o existencialismo (quase-sartreano) dos atores (humanos e não-humanos). É como se Latour tomasse as mediações como uma atividade própria das existências, e cujo produto seria a formação de essências, invertendo o ímpeto epistemológico da crítica kantiana de investigar em primeiro lugar os modos de acesso ao ser (no *a priori*, nas regras do entendimento e da intuição), e derivar de tais formas puras a tipificação dos dados empíricos. Para Latour, uma vez que as existências são anteriores em

relação às essências, não há *a priori* nenhuma forma pura, mas sim várias formas híbridas, misturas, como minérios em estágio bruto, prontos apenas para serem lapidados pelas dinâmicas do coletivo e estabilizados por elaborações co-construtivas próprias do coletivo. Mediação seria, assim, o gesto de derivar essências estabilizadas a partir dos atores e suas interações.

Espera-se que tenha sido entendida, em linhas gerais, a proposta ontológico-epistemológica que norteia o pensamento de Latour. No entanto, o que tal proposta poderia acrescentar no âmbito das investigações da teoria da comunicação?

3 | ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE PONTES ENTRE A EPISTEMOLOGIA LATOURIANA E A EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

A seguir, é proposto um exatoteórico do alcance e da contribuição que o cenário acima apresentado sobre o pensamento de Latour teria a dar para o campo dos estudos em comunicação. Para isso, vamos retomar as questões epistemológicas, elencadas na primeira parte do texto, que o campo tem enfrentado, expressas aqui de modo simplificado:

- a) Qual a qualidade da comunicação?
- b) O que é mídia?
- c) Como a mídia/sociedade se constitui dialeticamente? (como descrever, a partir da comunicação, a construção do social?)
- d) Como se costura a relação entre construção e realidade social?
- e) Como as performatividades midiáticas tencionam a teia de agenciamentos políticos de uma sociedade em processo de mediação?

Não é o intuito deste trabalho dar resposta a tais questões. Este, aliás, é o tipo de empreendimento próprio ao exercício teórico do campo científico. O que se pretende, aqui, é apenas verificar, ainda que parcialmente, como o empreendimento de Latour poderia contribuir para tal trabalho do campo.

No que se refere à questão a (qual a qualidade da comunicação?), sobre a qualidade da comunicação (que, como vimos, ganha um escopo específico no trabalho de Silveira Jr e Alonso), a obra de Latour provavelmente tomaria como pressuposto básico que a comunicação (em qualquer dos os âmbitos que seja considerada, a partir de objetos, práticas, pesquisas teóricas etc.) seja tomada a partir, não de um domínio com limites, mas da identificação de uma rede de relações entre atores heterogêneos, os mais diversos (rede esta composta justamente por aqueles objetos, práticas, pesquisas etc.). Ao invés de se concentrar nos limites, na fronteira do científico, diria Latour (2013, p. 31), convém se concentrar nas conexões de um dado elemento. Enquanto o domínio é definido normativamente de fora para dentro, a partir de características dadas, mas cuja consequência tautológica é um limitar-se, contemplar a incompreensibilidade do entorno,

a lógica reticular é, por sua vez, regida pela a atenção dada aos atores, ao fluxo, e almeja identificar tanto a continuidade quanto a fragilidade dessa continuidade.

Mas dizer que a comunicação é uma rede, uma composição de híbridos, ainda não é dizer nada da sua qualidade. É preciso, portanto, caminhar na direção de um aspecto “qualitativo” desta rede. Como passar de uma lógica relacional para uma lógica da qualidade? Para isto, convém atentar para a dinâmica da rede em questão. Latour afirma que, em uma trajetória descontínua com uma série de elementos, algo se mantém, apesar das sucessivas transformações, de modo que seja possível traçar uma trajetória de saltos de transformações, que, no entanto, guardam, através das transformações, uma similaridade com o que já estava. Em uma analogia com um pesquisador imaginário que se utiliza de tubos de ensaio, fotografias de microscópios eletrônicos, cultura de leveduras (todos atores que impõem uma descontinuidade na prática do conhecimento) e produz, todavia, um conhecimento (elaborando conexões, continuidades), toda rede poderia ser estudada pela qualidade valorativa de suas dinâmicas composicionais.

Essa trajetória, feita de saltos descontínuos, é o que permite ao pesquisador determinar, por exemplo que, entre uma cultura de levedura, uma fotografia, uma tabela de figuras, um diagrama, uma equação, uma legenda, um título, um resumo, um parágrafo e um artigo, algo é mantido apesar das sucessivas transformações (LATOURE, 2013, p. 39)

Para Latour, a qualidade de uma rede só pode ser dada se de algum modo for possível “compreender a continuidade através de uma série de descontinuidades” (LATOURE, 2013, p. 40). Imaginando uma antropóloga que acompanha a prática de investigação daquele cientista de laboratório, Latour avança sua argumentação para defender que em todo fluxo são necessárias transformações do ser para que ele próprio possa permanecer. Permanecer, convém lembrar, não é permanecer o mesmo:

Nossa investigadora agora tem um instrumento um pouco mais robusto à sua disposição: para qualquer curso de ação, ela tenta identificar os ingredientes inesperados pelos quais os atores têm que passar para realizá-lo; esse movimento, que consiste em uma série de saltos (identificados pelas surpresas encontradas pelo etnólogo e seus informantes), traça uma rede, de grafia [net]. Essa rede heterogênea pode, em princípio, associar qualquer elemento a qualquer outro. Nenhuma fronteira limita sua extensão [...]. Traçar uma rede é, portanto, sempre reconstituir por *tentativa e erro* (uma investigação é uma tentativa, mas também uma inovação, e também uma crise) os antecedentes e as conseqüências, os precursores e os herdeiros, os ins e outs, tal como eram, de um ser. Ou, para colocar de modo mais filosófico, os outros através dos quais se tem que passar para se tornar ou permanecer o mesmo – o que pressupõe, como veremos mais tarde, que ninguém pode simplesmente “permanecer o mesmo”, como era, “sem fazer nada”. Para permanecer é preciso passar – ou em todos os casos “passar através” – algo que chamaremos de *tradução* (LATOURE, 2013, p. 41)

De onde surgiria a qualidade de uma rede, portanto? Do agenciamento identificado pela prática de atores coletivizados que devem se modificar para se manter e, que, portanto, precisam agir. É justamente esse fluxo de continuidade entre descontínuos que dá o tom, a qualidade de uma rede, de tal modo que a rede seja vista sob o prisma do fluxo, sendo ela própria uma qualidade da atividade em questão (LATOURE, 2013, p. 42).

Insistimos que não se trata, aqui, de determinar a qualidade da comunicação. No entanto, ela pode ser entendida agora a partir de tal epistemologia como uma rede de elementos heterogêneos que, na sua dinâmica, nos seus agenciamentos, nos fluxos das ações, faz surgir uma continuidade entre descontínuos.

Passemos agora à questão *b* (o que é mídia?). Sobre este tipo de questão, Latour não parece ter muito a dizer, visto que sua obra não trata, especificamente de fenômenos midiáticos. No entanto, se tomarmos mídia como elemento mediador (técnico, social, ou, para usar um vocabulário latouriano, sociotécnico) de interações comunicantes, não é difícil perceber que o pensamento latouriano teria algo a dizer sobre este conceito. Mediador (ator ativo no fluxo da rede), em oposição a intermediário (ator tomado como neutro, isto é, visto como mero transmissor de impulsos), por sinal, são termos que, na obra latouriana, estão associados à teoria ator-rede, isto é, a um momento em que os atores humanos e não-humanos eram chamados para compor um cenário mais complexo do moderno/não-moderno, cujo valor era dado pela dimensão própria do engendrar, do originar, fazer emergir. Assim, em toda questão do tipo “o que é X”, o prisma latouriano conduziria tal questão para o que surge a partir de X, isto é, para os efeitos notáveis da ação de X. Desse modo, a questão sobre o que é mídia, no âmbito do pensamento latouriano seria recheada com um tipo de preocupação para as ações da mídia no tecido social.

Não é difícil notar a relação desta questão com a seguinte (questão c: como o par mídia/sociedade se constitui?). Note-se, antes de mais, que Latour não é muito afeiçoado à noção de Sociedade. Isto se deve à sua crítica, como vimos, à bifurcação moderna “Natureza X Sociedade”. No entanto, a atitude de substituir o conceito de sociedade, como sugere o autor, não deve ser vista como um mero preciosismo conceitual. Não é novidade que Latour assume uma batalha épica com o campo consolidado da sociologia justamente ressignificar a própria noção de “social”. Para ele, social não é algo a ser definido pela noção de sociedade, mas pelo viés associação. A teoria do social implicada por essa tese está exposta em *Reagregando o social* (2012). Ali, o autor enumera cinco fontes de incerteza as quais uma teoria do social aos moldes clássicos não pode resolver: a incerteza sobre os grupos, sobre a ação, sobre objetos, sobre os interesses e sobre os relatos dos pesquisadores. Ali também, o autor esclarece porque os estudos dos sociólogos tendem a ficar restritos a uma pequena esfera de ideias, por mais que tentem se expandir.

Após essa espécie de desconstrução da sociologia, na segunda parte do livro, o autor apresenta sua teoria ator-rede (TAR) como uma epistemologia-método para permitir o rastreamento das associações. Os esforços almejam conectar novamente o tecido social,

mas só depois de reposicionar a relação entre local e global, dar relevância aos conectores, tendo em vista tomar o social como associação. Por fim, Latour aborda a questão política, pertinente, segundo o autor, apenas em uma etapa posterior à recomposição do social. A mensagem final do livro, tendo em mente este âmbito político, traz a ideia de dar abrigo a novas entidades sociais e dar ao homem um ambiente, cerne já das preocupações ecológicas de Latour.

Desse modo, sob o prisma latouriano, a questão dos efeitos da mídia no social, como conota a expressão cunhada por Hjarvard (2014) “midiatização da sociedade”, seria importante considerar que são justamente os tencionamentos, as controvérsias, as disputas e os agenciamentos em rede dos atores envolvidos em um recorte o único meio para se definir social, não havendo qualquer outro “social” além das associações.

A questão *d*, assinalada acima (como se costura a relação entre construção e realidade social?), merece, no entanto, uma (ainda que brevíssima) ilustração do empreendimento antropológico-filosófico sobre a fusão latouriana entre as noções de realidade e construção. Em *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches* (2002), Latour elabora parte da sua solução claramente não-moderna para o problema epistemológico do par construção/realidade, na tentativa de superar a cisão entre sujeito e objeto, e o fosso entre teoria e prática.

Não retomo o tema dos ídolos do fórum, do tempo, do mercado, para acusar os sensatos de acreditar, apesar de tudo, à maneira dos negros ou dos párias. Não os encorajo, como o filósofo que se vale do martelo a destruir enfim, por um último e heróico esforço, as últimas superstições que repousaria[m] ainda nas ciências e na democracia. É a definição mesma do monstro, da barbárie, dos ídolos, do martelo e da ruptura, que é preciso ser novamente retomada. Nunca houve bárbaros; nós nunca fomos modernos, nem mesmo em sonho (LATOURE, 2002, p. 63)

Ainda que este não seja o espaço para desenvolver o esforço antropológico-filosófico de Latour sobre a questão real/construção, deve-se frisar que a negação do dualismo moderno ilustrada pela citação acima se constitui como uma clara oposição ao sistema de crença moderno, cujo cerne está na segregação entre construção e realidade (modernidade oficial) e na inexorável proliferação de híbridos (modernidade oficiosa). Ao vincular fato científico e fetiche místico (não tomando ambos como equivalentes, vale frisar), o autor cria uma abordagem co-construtivista em que uma pluralidade de agentes participam da construção da realidade. O importante a notar é que não há espaço, neste esquema, para a realidade externa pura e estranha ao homem, coisa em si, alheia aos sujeitos. Se uma entidade é real, na visão de Latour, ela está na rede (é imanente), no conhecimento construído, no conjunto de atores humanos e não-humanos que participam do jogo de fabricação, na rede de atores que compõem o que quer que mereça o nome de social. Não é possível que a ideia de “realidade co-construída” funcione como uma realidade independente e transcendente, já que ela é sempre produto, como vimos, de agenciamentos, de construção mútua dos atores em uma rede heterogênea.

No que diz respeito à dimensão biopolítica expressa na questão e (como as performatividades midiáticas tencionam a teia de agenciamentos políticos?), a contribuição de Latour parece um pouco mais assimilada pelo campo dos estudos em comunicação no Brasil – sobre o poder de agência dos não-humanos, ver, por exemplo, os trabalhos de Lemos(2015, 2013b), Bruno (2012, 2013), Santaella e Cardoso (2015) e Salgado (2018). Em linhas gerais, vale dizer que, de acordo com Latour, em todo agenciamento sociotécnico deve haver uma dimensão política, pois ali sempre está presente uma conjunção, que faz surgir propriedades novas, pertencentes ao coletivo e não às partes isoladas, de modo a conferir poder para um ator-rede. Esse, aliás, é o fundamento da ideia de *mediação*, relacionada a um compartilhamento de responsabilidades pela ação a vários actantes, respeitando a ação de todos os envolvidos no sociotécnico em questão. “Estes exemplos de simetria ator-actante nos forçam a abandonar a dicotomia sujeito-objeto, uma distinção que impede a compreensão das técnicas e até mesmo das sociedades” (LATOURE, 1994b, p. 34).

Essa ideia de mediação como conjunção, que confere intencionalidade ao híbrido, lembra a noção de multiplicidade em Deleuze e Guatarri. Para eles, múltiplo é sinônimo de ausência de unidade. É um substantivo, não adjetivo. Em suas palavras, é rizoma, não raiz arbórea.

[...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que [...] não tem nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. [...] Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 23–24).

O múltiplo é associação, agenciamento, que opera com a lógica identitária do *e*, não do *ou*. Neste sentido, o sociotécnico é o produto do híbrido, da junção do humano com o não humano. Vale ressaltar que esta tese não retira o poder de agência do humano, mas vincula tal poder aos atores não-humanos que lhe permitem agir. Destacar o atorhíbrido humano/não-humano é reforçar a agência como uma capacidade de recrutar ou agregar recursos para buscar determinado fim, de modo a alterar, em parte, a configuração social circundante.

Para exemplificar como tal prisma latouriano poderia atuar na questão da biopolítica apresentada anteriormente através das ideias de Silveira (2017) e também de Couldry e Turow(2018), cabe destacar que, do ponto de vista do sociotécnico, interessa menos observar as controvérsias instauradas a partir de quem as causou (se foram humanos ou não-humanos) e mais a própria transformação, os tencionamentos e disputas que compõem as controvérsias enquanto elas estão acontecendo, de modo a conseguir visualizar os resultados dos conflitos, as estabilizações, atentando para o que emerge de tais conflitos.

No exemplo da criação de perfis e nos subsequentes agenciamentos por algoritmos de machinelearning, que ao monitorar as ações modificam a si mesmos e filtram conteúdos para os humanos perfilados, seria interessante incluir uma questão sobre que tipo de efeito de tensionamento tal sociotécnicofaz emergir no tecido social, de modo que seja possível perguntar: tais efeitos são socialmente desejáveis? E para além disso caberia ainda investigar os interesses políticos, econômicos e culturais envolvidos numa disputa pela relevância – questão que parece central no mercado da extração de dados, uma vez que os humanos somente usam, de fato, os sistemas cujos algoritmos conseguem prover-lhes “resultados relevantes”. No entanto, grande parte do público que utiliza de mídias digitais continua conhecendo muito pouco sobre os filtros e os algoritmos, tão focados que estão nos resultados relevantes. Assim, podemos, inspirados por Latour, levantar uma série quase infinita de questões sobre biopoder: que tipo de atores estão sendo invisibilizados pela ênfase nos resultados relevantes? Que efeitos no social essa invisibilização tem? A quem interessa invisibilizar tais atores? Qual o valor em questão, qual o objeto de disputa quando se trata de governamentalidade algorítmica de ações humanas?

Diante do exposto, parece lícito afirmar que a epistemologia da comunicação teria muito a ganhar com a proposta ontológico-epistemológica presente em toda a obra de Bruno Latour. Se o que foi apresentado aqui estiver correto, ainda que Latour não tenha escrito suas ideias especificamente para o campo da comunicação, a abrangência de suas ideias pode não apenas servir como baluarte metodológico para pesquisas aplicadas, mas também pode causar aquele tipo de deslocamento que é indispensável para os trabalhos teóricos em geral e para os da comunicação em particular.

O presente trabalho, ao apresentar alguns dos pontos centrais da ontologia-epistemologia de Bruno Latour, deve ter deixado claro que não é apropriada a interpretação segundo a qual Latour assume uma posição tecnocêntrica. Como vimos, a base de sua empreitada epistemológica consiste em uma crítica ao moderno, especialmente ao dualismo que separa o “mundo social” do “mundo natural”, e sua proposta trata de completar o esquema moderno acrescentando-lhe o trabalho das traduções, das mediações, que, na proposta latouriana, seria capaz de dar origem inclusive às categorias modernas. A ideia de tecnocentrismo não encontra eco na crítica latouriana aos modernos, alicerce da sua ontologia e epistemologia. Se o suposto tecnocentrismo se referisse, na leitura de alguém, à inclusão dos não-humanos na categoria de atores, poderíamos perguntar a este alguém: só quem age são os humanos? Será que não é justamente esse tipo de postura que acaba por ocultar ou invisibilizar, justamente as ações de uma série de atores que, no exemplo das mídias digitais, monitoram, filtram, conduzem condutas? Isto só para ficar no exemplo recente, mas o mesmo poderia ser dito de diversos outros atores do sociotécnico da comunicação na cultura de massa. No entanto, frisamos uma vez mais, não se deve confundir a ideia do sociotécnico com a ideia de tecnocentrado, e o prefixo “socio” de sociotécnico deveria ser suficiente para esclarecer que esta seria uma leitura

reducionista da proposta latouriana. Trata-se, isto sim, de revisar a noção de social como conceito puro ou purificado em oposição normativa ao conceito igualmente purificado de natural, na tentativa de completar o esquema moderno adicionando um eixo não-moderno, que permita, talvez, operacionalizar uma epistemologia mais reticular, mais centrada nos agenciamentos e mais próxima da ecologia que da economia.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus: revista interamericana de comunicação midiática**, [s. l.], v. V, n. 2, 2006.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, [s. l.], 2011.

BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a comunicação. [s. l.], p. 1–21, 2018.

BRUNO, Fernanda. Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia Ciências da Comunicação Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede Digital traces from the perspective of actor-network theory. [s. l.], v. 19, n. 3, p. 681–704, 2012.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. [s. l.: s.n.].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 1995.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2014.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994. a.

LATOUR, Bruno. On technical mediation. **Common knowledge**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 29–64, 1994. b.

LATOUR, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. São Paulo: Edusc, 2002.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

LATOUR, Bruno. **An Inquiry into Modes of Existence: An Anthropology of the Moderns**. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2013.

LE MOS, A. Você Está Aqui! Mídia Locativa e Teorias “Materialidades da Comunicação” e “Ator-Rede”. **Comunicação & Sociedade**, [s. l.], v. 32, n. 54, p. 5–29, 2015.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013. a.

LEMOS, André. Espaço , mídia locativa e teoria ator-rede. **Galaxia**, [s. l.], n. 2010, p. 52–65, 2013. b.

SALGADO, Tiago Barcelos P. **Fundamentos pragmáticos da teoria ator-rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais online**. 2018. Universidade Federal de Minas Gerais, [s. l.], 2018.

SANTAELLA, Lucia; CARDOSO, Tarcísio. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. **Matrizes**, [s. l.], p. 167–185, 2015.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVEIRA JR, Potiguara Mendes Da; ALONSO, Aristides. Comunicação pessoal: crise do social , teoria e psicanálise. [s. l.], p. 1–18, 2018.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**, [s. l.], 2017.

TUROW, Joseph; COULDRY, Nick. **Media as Data Extraction: Towards a New Map of a Transformed Communications Field***Journal of Communication*, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração Municipal 225

Agenda para el Desarrollo Municipal 225, 226, 227, 228, 229, 230

Análise do Discurso 53, 54, 55, 69, 186, 195

Antropologia 55, 173, 174, 176, 177, 179, 184, 185, 245, 246

Aprendizagem 41, 84, 85, 87, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 247, 248, 249, 250, 255, 256

Arrependimento 144, 151, 153

Ateliê Biográfico de Projeto 93, 94, 95, 97, 99, 101

C

Competência Profissional 113, 116, 120

Comunicação 17, 37, 39, 42, 54, 71, 73, 77, 105, 116, 142, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 193, 194, 242, 250

Consumo Cultural 173

Corrupção 144, 145, 146, 148, 149, 150, 152

D

DCNEM 103, 107, 108, 109, 111

Desarrollo 209, 210, 211, 213, 215, 216, 218, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Direito 20, 21, 23, 24, 27, 45, 67, 91, 101, 118, 134, 135, 146, 147, 153, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 238

E

Educação Judaica 133

Ensino Médio Politécnico 103, 107, 110, 112

Epistemologia 2, 104, 155, 156, 159, 161, 163, 165, 167, 170, 171

Escalas de Wechsler 126, 128

Espaço 4, 19, 22, 23, 24, 27, 31, 33, 36, 37, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 84, 85, 87, 91, 99, 105, 119, 120, 135, 136, 138, 158, 168, 172, 191, 203, 242, 246

Estudos Culturais 74, 82, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 184, 185

Evaluación 48, 225, 226, 227, 228, 229, 230

F

Feminilização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49
Feminismo Negro 50, 55, 69
Feminização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
Formação Docente 46, 85, 93, 100, 113, 114

G

Gênero 19, 21, 28, 39, 40, 48, 69
Gênero Biográfico 19, 21, 22
Gênero Feminino 19, 21

I

Identidade 113, 133, 195
Identidade Profissional 113, 114, 123
Imaginário-Discursivo 1, 6, 9, 10, 16
Imposto 144, 146, 148, 151, 153
Indicadores 48, 210, 225, 226, 227, 229
Inteligência 37, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137
Interdisciplinaridade 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112
Interseccionalidade 27, 45, 50, 53

J

Jongo 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

L

LDB 103, 107, 108, 109, 111, 114
Litoral Norte de Maceió 231, 232, 239, 242, 244

M

Memória 22, 28, 33, 74, 80, 81, 82, 91, 96, 97, 128, 133, 134, 136, 139, 183, 237, 239, 246
Metodologia 2, 1, 94, 95, 112, 247
Metodologia Rizomática 1, 9, 16
Mídia 142, 157, 158, 165, 167, 168, 171, 172, 186, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195
Militância 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 64, 68

N

Narrativas 1, 39, 45, 46, 48, 93
Narrativas de Si 1

Negritude 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 64, 81

P

Patrimônio Cultural 72, 80, 231, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 244, 245, 246

PCNEM 103, 107, 108, 109, 110, 111

Pedagogia LGBT 1

Política de Preservação 231, 233, 241, 245

Políticas Públicas 40, 46, 48, 119, 142, 172, 188, 198, 203, 206, 209, 236, 240, 245

Produção de Sentidos 186, 187, 195

Propriedade Intelectual 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207

R

Recepção 1, 156, 173, 174, 175, 176, 184, 189

Recursos Naturales 209, 211

S

Saúde 26, 47, 59, 149, 152, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 244

Seguridad 209, 216, 217, 218, 223, 227

T

Testes de Inteligência 126

Transdisciplinaridade 1, 105, 108, 111

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 